

LIVRARIA GARNIER: UM LUGAR MACHADIANO E DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO¹

Garnier Bookstore: Machado's place, place of knowledge production

Sheila Regina Alves Carvalho²

RESUMO

O artigo objetiva abordar a livraria Garnier enquanto um lugar machadiano e lócus de produção de conhecimento, tendo sido de fundamental importância para a produção literária do século XIX. Em crônica de 08 de outubro de 1893, Machado de Assis escreveu sobre sua relação com o livreiro e com a livraria Garnier, afirmando ser aquele estabelecimento “um ponto de conversação e encontro” descrevendo as relações que ali se estabeleciam a partir de sua experiência. Entendemos que o autor possuía com a livraria uma relação permeada por afetividade e pertencimento, constituindo-se como um lugar, de acordo com os preceitos teóricos da Geografia Humanista. O artigo é estruturado em duas seções: A primeira, pretende percorrer a trajetória do conceito de lugar na Geografia. A segunda, abordará a Livraria Garnier a partir da sua história, importância na produção de conhecimento, em especial literário, e sua dimensão simbólica, configurando-se como um lugar machadiano.

Palavras-chave: Geografia e Literatura. Machado de Assis. Geografia Humanista.

ABSTRACT

The article aims to approach the Garnier bookstore as a Machado de Assis place and locus of producing knowledge, having fundamental relevance to literary production in the 19th Century. In 8th October 1893 chronicle, Machado de Assis wrote about his relationship with the bookseller and the bookstore saying the place was “a spot of conversation and meetings”, describing from his own experience the relationships that took place there. We comprehend the author has with the bookstore a relation of affection and belonging, which constitutes it as a place such as the Humanist Geography theory. The article stands in two sections: first, it intends to cover the path of place's concept in Geography. Second, it will approach Garnier bookstore from its historical relevance, mostly in literary production of knowledge, and the symbolical dimension setting it as a Machado de Assis's place.

Keywords: Geography and Literature. Machado de Assis. Humanist Geography.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEO/UERJ). sheilacarvalho.geo@gmail.com.

✉ Rua São Francisco Xavier, n. 524, Pavilhão João Lira Filho, 4º andar, Bloco F, sala 4006, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ. 20550-013.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo abordar a livraria Garnier enquanto um lugar machadiano e de produção do conhecimento, tendo sido de fundamental importância para a produção literária do século XIX. Em crônica de 08 de outubro de 1893, quando da morte do livreiro Garnier, Machado de Assis dedicou sua crônica a respeito deste fato, na qual descreveu suas percepções sobre o livreiro e sua relação com o mesmo e com a livraria, afirmando ser aquele estabelecimento “um ponto de conversação e encontro”, citando alguns nomes da literatura brasileira como frequentadores assíduos da livraria, dentre eles José de Alencar, com quem Machado de Assis afirma ali ter travado suas relações literárias.

Em estudo anterior (CARVALHO, 2016) defendemos a Rua do Ouvidor como um lugar machadiano, onde, a partir de sua defesa ao não alargamento da rua, Machado de Assis mostrou toda a sua afetividade e bem-querência em relação à esta via, através de uma crônica publicada em 13 de agosto de 1983. A Livraria Garnier foi um dos mais notáveis estabelecimentos comerciais desta que é considerada a rua mais importante do Rio de Janeiro no século XIX (COHEN, 2001). Sendo assim, objetivamos desvelar esta livraria enquanto um lugar machadiano, considerando o conceito de lugar defendido pela Geografia Humanista, mas também um lugar de grande importância para o desenvolvimento da literatura nacional e produção do conhecimento, processos esses imbricados, uma vez que Machado de Assis representa um dos maiores, senão o maior, nome da literatura nacional e possuía, segundo registros, grande papel de liderança frente aos demais literatos à sua época.

Para tanto, o presente artigo está estruturado em duas sessões. A primeira, procura percorrer a trajetória do conceito de lugar na

Geografia, bem como suas diferentes acepções de acordo com as correntes do pensamento geográfico. A segunda sessão, abordará a Livraria Garnier, sua história e importância para o mercado livreiro nacional, destacando o papel do livreiro Garnier, um francês visionário que impulsionou e foi fundamental para a produção e divulgação de grandes obras das letras nacional, em especial Machado de Assis. Reconhecido o protagonismo do livreiro/livraria para a produção editorial nacional, abordaremos seu espaço interno enquanto um lugar machadiano, que fazia parte de sua rotina diária, em virtude não só em seu interesse no riquíssimo acervo deste estabelecimento, mas por ali acontecerem encontros e embates literários significativos para a efervescência da literatura brasileira, configurando-se então como um “local alternativo de consumo científico” (NAYLOR, 2005).

A TRAJETÓRIA DO CONCEITO DE LUGAR

Durante um longo período, desde a sua institucionalização enquanto disciplina no final do século XIX até os anos 1950, aproximadamente, o conceito central da ciência geográfica foi o de região. Somente a partir do período pós segunda guerra mundial, outras categorias do espaço geográfico começaram a ganhar destaque: a necessidade de reconstrução dos países no pós-guerra culminou numa preocupação com o planejamento territorial, colocando em evidência o conceito de território.

Os anos 1960 foram marcados pela ascensão da geografia teórico-quantitativa, que introduziu o uso de modelos matemáticos para fins de planejamento territorial. Os geógrafos quantitativos viam a necessidade de criação de leis gerais para garantir cientificidade à Geografia, conforme aponta Lamego (2005, p. 7351):

O movimento do quantitativismo proclamava-se como um movimento que reivindicava a posição de ciência para a Geografia, apoiando-se na tese fundamental segundo a qual para se tornar ciência, a Geografia precisa produzir uma teoria que sustente suas investigações e, principalmente, que forneça explicações generalizantes. Portanto, os métodos quantitativos constituiriam, a partir desta tese, o meio pelo qual a Geografia validaria suas investigações e estabeleceria sua teoria.

Em resposta a este movimento, eclodiram na década de 1970 duas correntes paralelamente: a Geografia crítica, que acusava a nova geografia de estar a serviço do capital, e a Geografia humanista, que via a necessidade de “situar o sujeito no centro das preocupações dos Geógrafos em suas reflexões sobre as relações homem-lugar” (BROSSEAU, 2013), o que poderia ser chamada, de acordo com Brosseau (2013) de uma “geografia egocentrada”. O conceito de lugar difere nessas duas correntes de pensamento, tendo o lugar da Geografia humanista sofrido críticas provenientes dos geógrafos críticos, que afirmam haver um excesso de subjetividade na concepção desta corrente. Em contraponto, a Geografia Humanista se defende, afirmando que “o lugar é inalienável, independente das metamorfoses mundanas” (MARANDOLA JR., 2012, p. 230). Abordaremos a seguir o conceito de lugar nessas duas correntes Geográficas, seus distanciamentos, aproximações e possibilidades.

Ao longo da trajetória da Geografia, o lugar foi por um longo período associado a uma referência puramente locacional. Somente a partir do desenvolvimento da Geografia Humanista, este conceito adquire status de “categoria de análise essencial da disciplina” (RODRIGUES, 2015, p. 5036). Lukermann (1964), de acordo com Holzer (1999), foi dos primeiros a desvincular o lugar a associações exclusivamente

locacionais. A Geografia deixaria de realizar apenas inventários dos lugares, passando a considerar as crenças e experiências das pessoas e os significados subjetivos dos lugares (HOLZER, 1999).

Relph (2012) destaca que, quando começou seus estudos sobre lugar, haviam breves discussões sobre sentido de lugar ou espírito do lugar por arquitetos, filósofos, críticos literários, poetas, entre outros, mas não havia um livro dedicado ao lugar. Destarte, as obras de Relph (1976) e Tuan (1980, 1983) são seminais para os estudos humanistas, evidenciando o lugar como um conceito central em sua abordagem.

O reconhecimento do termo ‘Geografia Humanística’ ocorreu somente em 1976, a partir da publicação de ensaio de mesmo título, pelo geógrafo Yi-fu Tuan. No entanto, o termo já era utilizado por Tuan desde 1967 (MELLO, 1990). A partir da década de 1980, conforme exposto por Marandola Jr (2013), houve um esfriamento no movimento humanista e fortalecimento da geografia crítica. Na década de 1990, a geografia humanista ressurgiu com força, mas sob a alcunha de geografia cultural. “Geógrafos antes autodenominados humanistas passaram a referir-se a si mesmos como geógrafos culturais, como o próprio Tuan (2004), pois esta se tornou a alcunha do terceiro horizonte da Geografia, aquele interpretativo, dos significados, dos valores” (MARANDOLA JR., 2013, p. 52).

A Geografia Humanista busca “entender a alma dos lugares a partir das experiências vividas pelos próprios indivíduos e grupos sociais” (MELLO, 2011, p. 2). Mello (2011, p. 9), com base em Tuan (1983), afirma que “enquanto as atenções dos geógrafos, de modo geral, estão voltadas para a organização espacial, os geógrafos de tendência humanística estão preocupados com os espaços e os lugares dos homens”. Tuan (1983), ao contrapor espaço e lugar, entende o lugar

enquanto pausa, oposto ao movimento concernente ao espaço: desconhecido, temeroso e voraz. Já Carlos (2007, p. 18) salienta que “o lugar é definido por um ritmo que é humano”, sendo nele que se “desenvolve a vida em todas as suas dimensões” (CARLOS, 2007, p. 17).

Todos os aspectos do cotidiano de um indivíduo, de sua história e sua relação com outros indivíduos ocorrem nessas porções do espaço, carregadas de identidade, pertencimento e sentimentos. “A ideia de envolvimento é essencial ao lugar [...]. Não é a gente que possui a terra, e sim a terra que possui a gente” (OLIVEIRA, 2012, p. 10). Nesse sentido, podemos dizer que o homem forma o lugar, ao mesmo tempo em que o lugar forma o homem, o lugar constituindo-se num microcosmo “onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2012, p. 31), relação essa expressa na indissociabilidade entre sujeito e objeto. Diante disso, a geografia humanista, interessada pelas experiências estabelecidas entre o sujeito e o lugar, tem a fenomenologia de Husserl e Heidegger como uma de suas bases filosóficas, na qual é central a ideia de que “Ser implica, inescapavelmente, estar em ou pertencer a algum lugar” (SARAMAGO, 2012, p. 204)

João Baptista Ferreira de Mello, um dos pioneiros nos estudos humanistas no Brasil, entende que o lugar, para esta corrente do pensamento geográfico, “é um trecho da superfície terrestre no qual o homem se completa. Nas palavras de Pocock (1981, p. 337), a simbiótica relação entre homens e meio ambiente, lugares devem ser considerados como pessoas e pessoas como lugares” (MELLO, 1990, p. 106). Lugar, portanto, é

[...] a palavra-chave, ou melhor, o conceito base para se desvendar/desbravar geografias íntimas e coletivas, hodiernas

ou pretéritas em diferentes ordens de grandeza, seja a casa, a rua, o bairro vivido, bem como os locais de trabalho, lazer, encontros, estudos, ou, simbolicamente, a cidade, as províncias paradisíacas e a pátria (TUAN apud MELLO, 2002, p. 63).

Relph (2012) aponta que o recente aumento do interesse pelo lugar, sobretudo a partir de 1990, ocorreu devido a uma tentativa de preservação da história local, do ambiente ou das tradições, impulsionada a partir da expansão desmedida de projetos arquitetônicos modernos, que têm como consequência a uniformização da paisagem, criando “paisagens sem-lugar”, além da perda de diversidade e da identidade geográficas. O autor reconhece a existência de aspectos e temas recorrentes nos estudos sobre lugar. Dentre eles, estão o **lugar como reunião** e o *Placelessness*³.

Relph (2012, p. 22) define o **lugar como reunião** como aquele capaz de reunir “qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata” e conclui que: “sempre que a capacidade do lugar em promover a reunião é fraca, ou inexistente, temos não-lugares ou lugares-sem-lugaridade. Essas ideias são importantes porque permitem entender o lugar pela ausência, tanto quanto pela presença” (RELPH, 2012, p. 25). Assim, em contraposição ao lugar, possuidor de identidade e repleto de significados, temos os deslugares, constituídos por paisagens monótonas, repetitivas, xerocopiadas (MELLO, 1990), a exemplo dos shoppings centers, supermercados, os conjuntos habitacionais e até mesmo bairros inteiros, como a Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, com sua paisagem padronizada. No entanto, é necessário ressaltar que, o que para o *outsider* caracteriza-se como um deslugar, para o *insider*,

³ *Placelessness* não possui tradução direta da língua inglesa para a portuguesa. Marandola Jr., traduziu esta ideia como “lugar-sem-lugaridade”, conforme podemos observar em sua tradução em Relph (2012). Para outros autores, como Mello (1990) e Corrêa (2013), a tradução mais adequada é “deslugaridade”. As duas traduções aparecerão no texto a fim de preservar as citações diretas. No entanto, escolhemos “deslugaridade” como tradução no desenvolvimento do texto.

através do aprofundamento de laços no cotidiano, essas paisagens monótonas e padronizadas podem constituir-se enquanto lugares, já que “a impressão de que são deslugares deve se restringir aos estranhos, desejosos do prazer estético de seus valores”, conforme adverte Mello (1990, p. 107), já que “lugares, deslugares e espaços são constituídos de acordo com a experiência de cada indivíduo” (MELLO, 1990, p. 108).

Além da contraposição entre lugar e deslugaridade, são abordadas por Relph (1976) as noções de interioridade (*insiderness*) e exterioridade (*outsiderness*), indicando que os indivíduos podem estabelecer diferentes graus de envolvimento com/no lugar. Estão presentes também a ideia de autenticidade e inautenticidade dos lugares, entendendo os lugares autênticos aqueles que são construídos a partir da vivência, numa relação identitária com seus *insiders*, enquanto os lugares inautênticos são concebidos e impostos por outrem, repletos de exterioridade e ausência de identificação com os indivíduos que ali convivem. Destarte, conforme aponta Marandola Jr. (2016, p. 12),

Para alcançar a experiência autêntica dos lugares, portanto, é necessário a interioridade existencial. Esta é enfraquecida pelos lugares-sem-lugaridade, lugares com pouca profundidade e transitórios. Estes, segundo Relph, são constantemente remodelados e transformados a cada movimento econômico, reordenando os atributos físicos simbólicos e as atividades ali desenvolvidas, tornando as identidades dos e com os lugares mais fluidas, menos permanentes e, por isso, inautênticas.

Para os geógrafos adeptos da geografia crítica, o lugar é um nó na rede globalmente integrada. Com o advento do fenômeno da globalização, que tende à uma homogeneização das culturas e consequente fragmentação das culturas locais, o lugar é visto pelos marxistas como um ponto de resistência às padronizações inerentes a esse processo. Portanto, o lugar é provido de um sentido político,

simbolizando uma barreira ao avanço desmedido de uma cultura hegemônica. Assim, conforme ratifica Relph (2012, p. 21) os geógrafos críticos:

Forneceram uma visão alternativa que considerava lugares como nós particulares das interações das redes social, econômica e política global, na qual os lugares são manifestações locais de macroprocessos econômicos ao invés de emergirem de um contexto histórico específico. Esses nós estão associados a um progressivo ‘sentido global de lugar’, que pode servir como base de resistência contra as injustiças sociais, exclusão e desigualdade que resultam da globalização neoliberal.

Deste modo, os geógrafos marxistas buscam compreender “o local como uma expressão do global” (FERREIRA, 2000, p. 71), onde os processos que se concretizam no lugar estão sempre associados e conjugados a alguma determinação globalmente estabelecida, refletindo assim uma interdependência local-global. A essas imposições e determinações globais em relação aos lugares, Santos (2009) chamou de verticalidades, ao passo que à articulação dos lugares em resistência a essas imposições verticalizantes, o autor denominou horizontalidades.

Relph (2012, p. 21) ressalta que “geógrafos radicais e economistas políticos, como David Harvey e Doreen Massey, começaram a criticar as ideias humanistas de lugar como ‘locais de nostalgia’, que eram limitados, autênticos e de algum modo entendido como eterno”. A partir do entendimento da globalização enquanto um processo em constante mutação e, como vimos, imprimindo aos lugares a todo instante a necessidade de acompanhar essas mudanças, os geógrafos críticos julgaram a concepção de lugar da geografia humanista como estática, fechada em si mesmo e essencialista, “o que a descredenciaria para pensar o sentido de lugar no mundo contemporâneo, com sua fluidez, incertezas, mobilidade, crises e transformações” (MARANDOLA JR.,

2012, p. 229). Em contraposição a esta crítica, Marandola Jr. (2012, p. 230) advoga a favor da concepção humanista de lugar, defendendo que:

Ao invés de um conceito científico de conteúdo abstrato, lugar se refere à mundanidade do nosso cotidiano, e por isso ele é fundamental quando pensamos o ser-no-mundo e a existência. Entendido em sua dimensão ontológica, supera os diferentes contextos históricos, transformando-se à medida que se mantém em dia com cada temporalidade. Referindo-se à própria forma de ser-e-estar-no-mundo, lugar é inalienável e, portanto, permanece como fundante da nossa experiência contemporânea, independente das transformações socioespaciais. Longe de ser estático, ele é dinâmico, pois corresponde à própria essência do ser, que é igualmente viva.

No intento de superar as polarizações decorrentes do debate acerca do lugar, Ferreira (2000) afirma que Nicholas Entrikin foi um dos primeiros geógrafos que buscou elaborar um conceito a partir da integração entre o lugar humanista e o lugar marxista. Em sua obra de 1991, intitulada "*The betweenness of place: towards a Geography of Modernity*", o autor introduz a ideia de intermediaridade como uma característica do lugar.

Conforme sugere Ferreira (2000, p. 76), com base em Entrikin (1991), a manutenção da polarização entre essas duas correntes da geografia é problemática, na medida em que

Ao assumirmos uma abordagem descentrada (através de um ponto de vista objetivo, teórico-científico, ligado a externidade) com relação ao lugar deixamos de compreendê-lo como contexto para vê-lo como lotação. A posição contrária, ou seja, abordar o lugar de um ponto de vista centrado (através do enfoque subjetivo, ligado a internidade) é afirmar que

não existe nenhuma essência universal do lugar para ser descoberta.

Desta maneira, a intermediaridade, para Entrikin, se faz necessária, uma vez que, na escolha entre a subjetividade da geografia humanista ou a objetividade da geografia crítica, limitamos nosso poder de análise sobre os lugares. Assim,

Compreender o lugar será, portanto, compreender tanto a realidade subjetiva quanto a objetiva, será colocar-se em algum lugar no meio do caminho entre a visão descentrada do cientista, que vê o lugar como um conjunto de relações genéricas, e aquela centrada do sujeito que o vê em relação às preocupações do indivíduo. Esta característica própria do lugar, Entrikin denominará de intermediaridade (*betweenness*) (FERREIRA, 2000, p. 76).

Pretendemos nesta sessão fazer um breve resgate da trajetória do conceito de lugar no desenvolvimento da ciência geográfica, destacando ideias distintas acerca deste conceito tão importante para a Geografia. Ressaltamos, porém, que nossa pesquisa se alinha com o entendimento de lugar da geografia humanista, uma vez que, para nós, lugar diz respeito a uma porção do espaço demarcada afetivamente, repleta de significados, considerada a extensão do lar das pessoas, com a qual se estabelece, a partir das experiências do cotidiano, uma relação de pertencimento. Na próxima seção, abordaremos a Livraria Garnier enquanto um lugar machadiano, dentro da perspectiva humanista. Machado de Assis, um frequentador assíduo desta livraria, vivenciou ali fortuitos encontros com outros nomes da literatura brasileira, como veremos adiante. Assim, objetivamos também defender a Livraria Garnier enquanto um lugar de destaque na produção do conhecimento, sobretudo literário, do século XIX.

LIVRARIA GARNIER: LUGAR MACHADIANO E DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Nas crônicas escritas por Machado de Assis⁴, a livraria e o livreiro Garnier figuram como importantes personagens do universo machadiano. Machado de Assis foi um grande entusiasta da livraria Garnier, comentando e promovendo as obras importadas, traduzidas e editadas pela livraria, divulgando para seus leitores as constantes novidades no catálogo da livraria, bem como a relevância da empreitada do livreiro Garnier para o progresso e desenvolvimento da imprensa, literatura e, por sua vez, da cultura nacional.

Para Machado de Assis, este nobre estabelecimento do Rio da segunda metade do século XIX, promoveu a abertura da “esfera das publicações literárias” e foi responsável por animar “os esforços dos escritores” (ASSIS, 1864). O autor tecia recorrentes elogios e frequentemente ressaltava o primor das produções da Garnier: “Já me tenho referido mais de uma vez à livraria Garnier, a que devemos tantas edições aprimoradas, e que cada dia alarga mais o círculo das suas relações” (ASSIS, 1864, n.p).

É preciso ressaltar o protagonismo da Livraria Garnier na difusão cultural e produção do conhecimento na segunda metade do século XIX. Garnier foi responsável pela importação e introdução no Brasil de importantes obras da literatura mundial, além de ter sido responsável pela edição das principais obras da literatura nacional, dentre elas, especificamente, parte considerável da obra de Machado de Assis:

Ainda que a editora Laemmert tenha exercido uma função importante na disseminação da literatura, a ação da editora e

⁴ Há 29 correspondências à palavra “Garnier” nas crônicas de Machado de Assis, distribuídas em 12 publicações distintas. Essa contagem foi possível devido ao mecanismo de busca do Kindle, utilizado nesta pesquisa.

livraria Garnier, em especial no que tange ao reconhecimento de Machado de Assis, foi ainda mais relevante. Localizada inicialmente na Rua do Ouvidor, a Garnier, instalada em 1844, teve um papel fundamental na edição de livros, particularmente pela ação de B. L. Garnier, como seu proprietário ficou conhecido. Após 1850, a Livraria Garnier dominava o mercado, e seus catálogos, de meados da década de 1870, comprovam o empenho comercial que orientava a ação da editora ao darem ênfase a obras de autores nacionais, sem deixar de destacar a publicação de títulos traduzidos. Com efeito, Garnier foi o grande editor da segunda metade do século XIX, tendo publicado livros de autores estrangeiros como Honoré de Balzac, Charles Dickens, Alexandre Dumas, Oscar Wilde, Octavio Feuillet, Paul de Kock, George Sand, Eugène Sue, e constando em seu catálogo, além de Machado de Assis, os mais reconhecidos escritores brasileiros, como José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, Sílvio Romero, Aluísio Azevedo, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, João Ribeiro. Garnier atendia, dessa forma, às expectativas dos consumidores de literatura, apesar dos riscos inerentes à publicação de obras literárias, investindo na promoção das letras nacionais, por meio de escritores já consagrados, e colocando, à disposição do público, autores estrangeiros, cujas obras se haviam notabilizado por sua divulgação em fascículos pelos jornais. A relevância da editora Garnier para o reconhecimento do escritor brasileiro pode ser avaliada pela grande quantidade de obras de Machado de Assis que ela editou⁵ (SARAIVA, 2014, p. 8-9).

Como salientou o próprio Machado de Assis acerca da importância do livreiro francês para o desenvolvimento do setor livreiro, “numa terra em que não há editores é preciso animar os que se propõem, como o Sr. Garnier, a facilitar a publicação de obras” (ASSIS, 1864, n.p). Garnier, juntamente com Paula Brito, cada um a seu tempo e dispendo

⁵ Para verificar todas as obras de Machado de Assis editadas pela livraria Garnier, ver SARAIVA (2014, p. 9).

Livraria Garnier: Um lugar machadiano e de produção do conhecimento
Sheila Regina Alves Carvalho

de diferentes meios técnicos, foram considerados por Machado de Assis “editores dignos”:

Falar do Sr. Garnier, depois de Paula Brito, é aproximá-los por uma ideia comum: Paula Brito foi o primeiro editor digno desse nome que houve entre nós. Garnier ocupa hoje esse lugar, com as diferenças produzidas pelo tempo e pela vastidão das relações que possui fora do país. Melhorando de dia para dia, as edições da casa Garnier são hoje as melhores que aparecem entre nós (ASSIS, 1865, n.p).

Baptiste-Louis Garnier chegou ao Brasil em 1844, aos 21 anos e dirigiu a livraria Garnier até a sua morte, em 1893. O livreiro Garnier tinha conhecimento da importância do seu trabalho para a produção cultural do país, o que o levou, conforme assinala Reis (2004), a solicitar sua condecoração ao então Ministério do Império. Requisição aceita, como uma demonstração do reconhecimento de seu protagonismo no desenvolvimento da imprensa e mercado livreiro no Brasil:

Foi agraciado com o título de Oficial da Ordem da Rosa, em 1867, que era uma importante comenda concedida após demanda, desde que comprovados os serviços relevantes prestados à cultura imperial. Também foi reconhecido com o título de livreiro-editor do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de ser empresa fornecedora da Casa Imperial (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2018, n.p).

Além de ter dominado o mercado da ficção nacional e estrangeira à sua época e poder ostentar o título de “o mais importante editor do século XIX” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2018, n.p), Garnier também se destacou por ter modificado “a imprensa através da ‘conjugação entre imprensa e literatura’, antes segmentadas entre imprensa política e imprensa literária” (REIS, 2004, p. 03).

No entanto, para além de sua importância na edição e publicação dos grandes nomes da literatura nacional, a livraria Garnier protagonizou virtuosos encontros literários, configurando-se como locus da produção intelectual brasileira, sobretudo literária, da segunda metade do século XIX e início do século XX, como aponta Reis (2004):

Considerada a principal responsável pelo início do desenvolvimento editorial brasileiro, a livraria e editora tinha no andar térreo, um em frente do outro, dois extensos balcões de madeira de lei polida separando as estantes das 12 cadeiras que serviam de palco aos informais debates literários que se realizavam todas as tardes sob a liderança de Machado de Assis. Eram as “cadeiras dos doze apóstolos”. O mestre era Machado de Assis, o único a ter lugar cativo (REIS, 2004, p. 06).

Cohen (2001) ratifica a livraria como ponto de encontro dos literatos brasileiros, citando alguns nomes, dentre os quais Machado de Assis, cuja assiduidade é apontada recorrentemente:

Também na virada do século, a célebre Livraria Garnier, no 71, torna-se o ponto de reunião dos escritores de então: Machado de Assis, que passava ali todo dia ao sair do Ministério da Viação e antes de tomar o bonde para o Cosme Velho, José Veríssimo, Rui Barbosa, que ia todo dia depois da sessão do Senado, João Ribeiro, Coelho Netto, Nabuco, Visconde de Taunay, Graça Aranha, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e muitos outros (COHEN, 2001, p. 72).

Como vimos, diversos são os relatos da presença constante de Machado de Assis na livraria, bem como o papel de liderança que o mesmo exercia sobre os demais adeptos dos encontros vespertinos naquele privilegiado estabelecimento:

Machado de Assis não faltara à livraria, ponto de encontro de amigos e companheiros. Ali conversava e ali se deixava ver

sentindo-se querido e admirado. Tinha a repartição, é certo, mas esta, embora lhe tomasse parte do tempo, não constituía a sua paixão: era a sua ocupação na vida pública, que ele desempenhava com o rigor e a probidade de seu feitiço, e não uma essencialidade de sua natureza, invariavelmente voltada para a literatura. [...] Medeiros e Albuquerque, instado a falar sobre Machado de Assis numa sessão da Academia, resumiu-lhe a singeleza da vida neste testemunho pessoal: “A sua vida, ao tempo em que o conheci, pautava-se de um modo monotonamente uniforme. Vinha todas as tardes – nesse tempo o expediente das repartições terminava às três horas – do Ministério da Viação para a Garnier. Aí se instalava numa pequena roda e conversava sobre literatura” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2018, n.p).

Conforme sugere Naylor (2005), “a própria ciência cria espaços e lugares para suas próprias atividades e, por sua vez, espacializa o mundo de várias formas” (NAYLOR, 2005, p. 3, tradução livre)⁶. Deste modo, a produção e o fazer científico não se restringe aos laboratórios, congressos e às universidades, sendo a produção da ciência realizável também, nos “espaços íntimos, embora muitas vezes mundanos, em que os cientistas realizaram seu trabalho”⁷ (NAYLOR, 2005, p. 3). A essas “micro geografias”, Naylor (2005) denominará *Placing science*, apontando que o fazer científico não se restringe aos muros das universidades, podendo se realizar em ambientes *a priori* não considerados munidos de cientificidade. Assim, Naylor (2005) recorre à contribuição de Stewart (1999), que “apontou os locais alternativos do consumo científico no início da Londres moderna, como o hospital e a casa de café”⁸ (NAYLOR, 2005, p. 5). Nesta perspectiva, defendemos

6 Tradução livre de: “[...] *science itself creates spaces and places for its own activities and in turn spatializes the world in a wide variety of ways*”.

7 Tradução livre de: “*the intimate although often mundane spaces in which scientists have gone about their work*”.

8 Tradução livre de: “*has pointed to the alternative sites of scientific consumption in early modern London, such as the hospital and the coffee house*”.

a Livraria Garnier enquanto um “lugar alternativo de consumo científico”, constituindo-se num lugar de produção do conhecimento a partir de suas rodas literárias diárias podendo, inclusive, considerá-las o embrião do surgimento da Academia Brasileira de Letras, sob a liderança de Machado de Assis:

No correr de anos e anos da mesma conduta cautelosa, a figura do mestre, modelo de dignidade pessoal e de méritos literários, impôs-se aos contemporâneos como seu líder natural, ao mesmo tempo que outras gerações de escritores se vieram formando e constituindo, harmonizadas no reconhecimento do primado intelectual do criador de Quincas Borba. A essa circunstância se aliou o espírito de coesão dos diversos núcleos de escritores – espírito de coesão que os aglutinava em torno de uma idéia, de uma causa, de uma escola literária ou mesmo de uma simples mesa de almoço, ou ainda numa roda habitual de livraria. E assim, ao surgir a idéia da Academia, já estava criada a afinidade de sentimentos, de que se fazem as instituições de sua espécie. A prova de que a idéia correspondia, realmente, a uma aspiração natural, é a freqüência de idêntico pensamento, no mesmo quartel de século, entre as figuras literárias de maior evidência. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2018, n.p).

Quando da morte do livreiro Garnier, Machado de Assis prestou uma merecida homenagem a este livreiro e editor, tão importante para a difusão da produção literária brasileira e mundial. Explicitou também que sua relação com o livreiro não era meramente comercial, mas também afetiva, tendo sido esses trinta anos⁹ de relação marcados por uma profunda admiração, como vimos, pelo trabalho do senhor Garnier. Nesta crônica, é a vez de Machado de Assis reafirmar a Livraria enquanto um ponto de encontro dos literatos brasileiros, o que

9 Em crônica posterior, publicada em 15 de outubro de 1893, Machado de Assis escreveu: “na crônica passada disse conhecer o finado Garnier, há vinte anos, a culpa não foi minha, nem da composição, nem da revisão, mas desta letra do diabo. Trinta anos é que devia ter saído”

confirma nossa tese aqui defendida de que esta livraria obteve papel fundamental para a produção do conhecimento literário, portanto científico, brasileiro:

Segunda-feira desta semana, o livreiro Garnier saiu pela primeira vez de casa para ir a outra parte que não a livraria. *Revertere ad locum tuum* — está escrito no alto da porta do cemitério de S. João Baptista. "Não, — murmurou ele talvez dentro do caixão mortuário, quando percebeu para onde o iam conduzindo, — não é este o meu lugar; o meu lugar é na rua do Ouvidor 71, ao pé de uma carteira de trabalho, ao fundo, à esquerda; é ali que estão os meus livros, a minha correspondência, as minhas notas, toda a minha escrituração".

Durante meio século, Garnier não fez outra coisa senão estar ali, naquele mesmo lugar, trabalhando. Já enfermo desde alguns anos, com a morte no peito, descia todos os dias de Santa Tereza para a loja, de onde regressava antes de cair a noite. Uma tarde, ao encontrá-lo na rua, quando se recolhia, andando vagaroso, com os seus pés direitos, metido em um sobretudo, perguntei-lhe porque não descansava algum tempo. Respondeu-me com outra pergunta: *Pourriez-vous résister, si vous étiez forcé de ne plus faire ce que vous auriez fait pendant cinquante ans?*¹⁰ Na véspera da morte, se estou bem informado, achando-se de pé, ainda planejou descer na manhã seguinte, para dar uma vista de olhos à livraria.

Essa livraria é uma das últimas casas da rua do Ouvidor; falo de uma rua anterior e acabada. Não cito os nomes das que se foram, porque não as conhecerei, vós que sois mais rapazes que eu, e abristes os olhos em uma rua animada e populosa onde se vendem, ao par de belas joias, excelentes queijos. Uma das últimas figuras desaparecidas foi o Bernardo, o perpétuo Bernardo, cujo nome achei ligado aos charutos do duque de Caxias, que tinha fama de os fumar únicos, ou quase únicos. Há casas como a Laemmert e o Jornal do Comércio, que ficaram e prosperaram, embora os fundadores se fossem; a maior parte, porém, desfizeram-se com os donos. Garnier é das figuras derradeiras. Não aparecia muito; durante os 20 anos das nossas relações, conheci-o sempre no mesmo lugar, ao fundo da livraria,

que a princípio era em outra casa, nº 69, abaixo da rua Nova. Não pude conhecê-lo na da Quitanda, onde se estabeleceu primeiro. A carteira é que pode ser a mesma, como o banco alto onde ele repousava, às vezes, de estar em pé. Aí vivia sempre, pena na mão, diante de um grande livro, notas soltas, cartas que assinava ou lia. Com o gesto obsequioso, a fala lenta, os olhos mansos, atendia a toda gente. Gostava de conversar o seu pouco. Neste caso, quando a pessoa amiga chegava, se não era dia de mala, ou se o trabalho ia adiantado e não era urgente, tirava logo os óculos, deixando ver no centro do nariz uma depressão do longo uso deles. Depois vinham duas cadeiras. Pouco sabia de política da terra, acompanhava a de França, mas só o ouvi falar com interesse por ocasião da guerra de 1870. O francês sentiu-se francês. Não sei se tinha partido; presumo que haveria trazido da pátria, quando aqui aportou, as simpatias da classe média para com a monarquia orleanista. Não gostava do império napoleônico. Aceitou a república, e era grande admirador de Gambetta. daquelas conversações tranquilas, algumas longas, estão mortos quase todos os interlocutores, Liaís, Fernandes Pinheiro, Macedo, Joaquim Norberto, José de Alencar, para só indicar estes. De resto, a livraria era um ponto de conversação e de encontro. Pouco me dei com Macedo, o mais popular dos nossos autores, pela Moreninha e pelo Fantasma Branco, romance e comédia que fizeram as delícias de uma geração inteira. Com José de Alencar foi diferente; ali travamos as nossas relações literárias. Sentados os dois, em frente à rua, quantas vezes tratamos daqueles negócios de arte e poesia, de estilo e imaginação, que valem todas as canseiras deste mundo. Muitos outros iam ao mesmo ponto de palestra. Não os cito, porque teria de nomear um cemitério, e os cemitérios são tristes, não em si mesmos, ao contrário. Quando outro dia fui a enterrar o nosso velho livreiro, vi entrar no de S. João Batista, já acabada a cerimônia e o trabalho, um bando de crianças que iam divertir-se. Iam alegres, como quem não pisa memorial nem saudades. As figuras sepulcrais eram, para elas, lindas bonecas de pedra; todos esses mármores faziam um mundo único, sem embargo das suas flores mofinas, ou por elas mesmas, tal é a visão dos primeiros anos. Não citemos nomes. Nem mortos, nem vivos. Vivos há-os ainda, e dos bons, que alguma coisa se lembrarão daquela casa e do homem que a fez e perfez. Editar obras jurídicas ou escolares não é mui difícil; a necessidade é grande,

¹⁰ "Você poderia resistir se você fosse forçado a parar de fazer o que você teria feito por cinquenta anos?"

a procura certa. Garnier, que fez custosas edições dessas, foi também editor de obras literárias, o primeiro e o maior de todos. Os seus catálogos estão cheios dos nomes principais, entre os nossos homens de letras. Macedo e Alencar, que eram os mais fecundos, sem igualdade de mérito, Bernardo Guimarães, que também produziu muito nos seus últimos anos, figuram ao pé de outros, que entraram já consagrados, ou acharam naquela casa a porta da publicidade e o caminho da reputação. Não é mister lembrar o que era essa livraria tão copiosa e tão variada, em que havia tudo, desde a teologia até à novela, o livro clássico, a composição recente, a ciência e a imaginação, a moral e a técnica. Já a achei feita; mas vi-a crescer ainda mais, por longos anos. Quem a vê agora, fechadas as portas, trancados os mostradores, à espera da justiça, do inventário e dos herdeiros, há de sentir que falta alguma coisa à rua. Com efeito, falta uma grande parte dela, e bem pode ser que não volte, se a casa não conservar a mesma tradição e o mesmo espírito. Pessoalmente, que proveito deram a esse homem as suas labutações? O gosto do trabalho, um gosto que se transformou em pena, porque no dia em que devera libertar-se dele, não pôde mais; o instrumento da riqueza era também o do castigo. Esta é uma das misericórdias da Divina Natureza. Não importa: laboremos. Valha sequer a memória, ainda que perdida nas páginas dos dicionários biográficos. Perdure a notícia, ao menos, de alguém que neste país novo ocupou a vida inteira em criar uma indústria liberal, ganhar alguns milhares de contos de réis, para ir afinal dormir em sete palmos de uma sepultura perpétua. Perpétua! (ASSIS, 1893, n.p).

Machado de Assis demonstra na crônica supracitada toda a sua afetividade tanto em relação ao livreiro, quanto em relação à livraria. Ao encenar uma possível resistência do livreiro em ser enterrado tão distante da livraria localizada na Rua do Ouvidor, na qual o livreiro afirmaria, nas palavras de Machado de Assis “não é aqui o meu lugar, o meu lugar é na Rua do Ouvidor, 71”, Machado de Assis afirma haver uma forte relação de pertencimento entre o Livreiro e a livraria, no entanto, embora não duvidemos que essa relação tenha existido de fato, é o olhar nostálgico machadiano que faz transbordar esse

pertencimento, a partir de sua própria afetividade em relação ao livreiro e ao estabelecimento, destilando lembranças do Garnier à loja, sempre descrito de forma carinhosa, como se o livreiro integrasse a livraria de tal modo que fizesse parte de seu mobiliário.

A partir de Machado de Assis, podemos conceber a Livraria Garnier, juntamente com a Livraria Laemmert e o Jornal do Comércio como pontos de resistência de uma Rua do Ouvidor em transformação, importantes símbolos do passado glorioso deste logradouro. A sensação para Machado de Assis de que “falta alguma coisa à rua”, a partir do fechamento provisório da livraria a partir da morte do senhor Baptiste-Louis Garnier, é mais um indício de que aquele estabelecimento configura-se para Machado de Assis enquanto um lugar: repleto de memórias e vivências, em suas palavras “ponto de conversação e encontro” com grandes nomes da literatura nacional, em especial, José de Alencar, com o qual faz questão de deixar registrado nesta crônica terem ali ocorrido frutíferos encontros e debates literários com o autor de “O Guarani”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos aqui, através de uma breve trajetória acerca do conceito de lugar, elencar a Geografia Humanista como a abordagem mais adequada para compreender a Livraria Garnier enquanto um lugar machadiano e de produção do conhecimento, uma vez que esta corrente da Geografia dedica-se ao estudo da dimensão do vivido. O lugar, como vimos, pressupõe uma relação de intimidade, pertencimento e identificação entre o indivíduo e uma localidade. Constitui-se numa relação construída cotidianamente, dia após dia, na qual o indivíduo, nos seus momentos de pausa, passa a absorver características do lugar, impregnando-se e sendo possuído pelo mesmo.

Livraria Garnier: Um lugar machadiano e de produção do conhecimento
Sheila Regina Alves Carvalho

Machado de Assis, frequentador assíduo da rua do Ouvidor, tinha como destino diário a Livraria Garnier, seu lugar de pausa. Dela, interessa-nos menos a sua constituição física ou seu suntuoso acervo; tampouco, sua localização na mais importante rua do século XIX. O que nos interessa são as vivências e os laços cotidianos ali estreitados, os embates travados, as relações estabelecidas e os encontros promovidos, ou seja: sua constituição para o autor de Memórias Póstumas de Brás Cubas como um lugar de reunião e como um lugar autêntico, construído através da vivência. Frequentar a livraria, portanto, era parte importante não só para a produção intelectual de Machado de Assis, mas pelo fato de ela se configurar como um lugar de realização do ser machadiano. Era ali, rodeado do que existia de mais novo na produção literária, de amigos e companheiros das letras que o bruxo do Cosme Velho se sentia em casa.

Na Livraria Garnier costumavam-se reunir influentes representantes da intelectualidade do século XIX, onde se discutia não só literatura, mas também política. Deste modo, além de lugar machadiano, a Livraria Garnier constitui-se também em um lugar de produção do conhecimento, na medida em que era ali, no convívio diário, que Machado de Assis tecia com outros grandes nomes da literatura “suas conversas sobre literatura e arte”. A livraria, destarte, representa o epicentro cultural do Rio de Janeiro no século XIX, configurando-se num pujante ponto de encontro para toda uma geração de literatos e intelectuais da época. Foi a partir das reuniões na Garnier que surgiu, em seu chão, a ideia e o embrião da formação da Academia Brasileira de Letras, cujo primeiro presidente foi Machado de Assis.

Deste modo, é na associação da Livraria Garnier como um lugar de encontros, trocas e reunião que emerge a sua potência como um lugar de produção do conhecimento, já que, para além de um lugar onde ele é encontrado materialmente através do seu riquíssimo acervo, o estabelecimento não é procurado apenas como um local de consumo

de livros, jornais e almanaques. Seus frequentadores a povoam por uma questão identitária, por ali se sentirem em casa, à vontade para exporem suas ideias entre seus pares nesse convívio diário, configurando-se num polo de discussões que se desdobram numa intensa produção e circulação de conhecimento, uma vez que aquele era o espaço de socialização para os literatos compartilharem seus escritos, tecerem críticas aos textos uns dos outros, explanarem suas ideias e construírem, ou até mesmo remodelarem sua interpretação do mundo através do contato com o outro. É no efervescer da vida, no pulsar dos debates, no estreitar de laços e na potência dos encontros de uma geração intelectual que a Livraria Garnier se faz um lugar singular no Rio de Janeiro do século XIX.

Por fim, entender a Livraria Garnier como lugar machadiano e de produção do conhecimento significa entrelaçar essas duas dimensões da livraria, além de reconhecer o protagonismo de Machado de Assis nessa inter-relação. Ao passo que tinha com livraria estreita relação de pertencimento e afetividade – e sendo um nome de peso da intelectualidade do século XIX –, o autor contribuiu enormemente para sua efetivação como um “local alternativo de consumo científico”, não apenas por ter grande parte de sua obra editada pela Garnier, mas por manter ali a tradição do encontro, cotidianamente; honrando, por assim dizer, sua cadeira cativa na livraria. Deste modo, ao mesmo tempo em que aprofundava sua relação com a livraria, Machado de Assis contribuía para a manutenção desta como *locus* do conhecimento. ☉

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **A liderança de Machado de Assis**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: 07 de ago. 2018.

Livraria Garnier: Um lugar machadiano e de produção do conhecimento
Sheila Regina Alves Carvalho

ASSIS, Machado de. Ao Acaso. Diário do Rio de Janeiro, 20 de jun. 1864. In: ASSIS, Machado de. **Obras Completas VI: Crônica Completa** (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 13 de ago. 1893. In: ASSIS, Machado de. **Obras Completas VI: Crônica Completa** (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 08 de out. 1893. In: ASSIS, Machado de. **Obras Completas VI: Crônica Completa** (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia**, v. II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 265-292.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, Sheila Regina Alves. Rua do Ouvidor em um fragmento machadiano. In: SUZUKI, Júlio César; SILVA, Adriana Carvalho (Orgs.). **Estética, poética e narrativa: entre fluidez e permanência nas artes**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. p. 126-160.

COHEN, Alberto. **A. Ouvidor, a Rua do Rio**. Rio de Janeiro: AACohen, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas espaciais: o shopping center. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia**, v. II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 91-100.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, ano V, n. 9, p. 65-83, jul/dez., 2000.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Garnier, um livreiro francês no Brasil. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/francebr/garnier.htm>. Acesso em: 07 de ago. 2018.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul/dez. 1999.

LAMEGO, Mariana. Notas de um estudo introdutório acerca do excepcionalismo na Geografia e Fred. K. Schaefer. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 10., 2005. São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2005, p. 7343-7370.

LUCKERMANN, F. Geography as a formal intellectual discipline and the way in which it contributes to human knowledge. **Canadian Geographer**, 8 (4), p. 167-172, 1964.

MARANDOLA JR., Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: O pensamento de Heidegger em *Place and Placelessness*, de Edward Relph. **Geografia**, v. 41, n. 1, jan./abr., p. 5-15, 2016.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 227-247.

MARANDOLA JR, Eduardo. Fenomenologia e pós fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v.3, n. 2, Inverno, p. 49-64, 2013.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 52, p. 91-115, 1990.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A restauração dos lugares do passado. **Geo UERJ**, n. 12, 2º semestre de 2002.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **A produção bibliográfica da geografia humanística no período 1971-2010**. 2011. Disponível em: <http://neghario.wordpress.com/publicacoes/geografia-humanistica/>. Acesso em: 17 de jul. 2018.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A Humanística perspectiva do espaço e do lugar. **ACTA Geográfica**, ano V, n. 9, p. 07-14, jan./jun., 2011.

Livraria Garnier: Um lugar machadiano e de produção do conhecimento
Sheila Regina Alves Carvalho

NAYLOR, Simon. Introduction: historical geographies of science – places, contexts, cartographies. **British Journal of History of Science**, 38(1): p. 1-12, 2005.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs). **Qual é o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16.

POCOCK, Douglas C. D. Place and the Novelist. **Transactions of the British Geographers**, New Series 6, p. 337-347, 1981.

REIS, Rutzkaya Queiroz dos. Machado de Assis e Garnier: o escritor e o editor no processo de consolidação do mercado editorial. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História editorial, 1., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 1-9.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs). **Qual é o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

RODRIGUES, Kelly. O conceito de lugar: A aproximação da Geografia com o indivíduo. **Anais do XI-ENANPEGE**, p. 5036-5047, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: EdUSP, 2009.

SARAIVA, Juracy Assmann. Sendas de Machado de Assis no caminho dos livros. **XI Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas**. Jul/2014.

SARAMAGO, Ligia. Como ponta de lança: O pensamento do lugar em Heidegger. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 193-226.

SILVA, Stephanie Regina Oliveira da. O mundo vivido de Tia Ciata em uma abordagem Geográfica. 2018. 146 f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – UERJ, Rio de Janeiro, 2018.

STEWART, Larry. Other centres of calculation, or, where the Royal Society didn't count: commerce, coffeehouses and natural philosophy in early modern London. **The British Journal for the History of Science**, v. 32, n. 2, p. 133-153, 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. A view of geography. **Geographic Review**, v. 81, n. 1, p. 99-106, 1991.

TUAN, Yi-Fu. Cultural Geography: Glances Backward and Forward. **Annals of the Association of the Geographers**, v. 94, n. 4, p. 729-733, 2004.

Submetido em Outubro de 2019.

Revisado em Março de 2020.

Aceito em Março de 2020.